

43 A VIRTUDE 4 23

LAUREADA,

DRAMA

RECITADO

NO

THEATRO DO SALITRE,

COMPOSTO, E DIRIGIDO

A O

REVERENDISSIMO PADRE MESTRE

Fr. JOSE' MARIANNO DA CONCEIÇÃO

VELLOSO,

*Administrador da Impressão Regia, e Deputado da Junta  
Económica, Administrativa, e Litteraria da  
mesmo Impressão, etc. etc.*

Por seu muito devedor, e amigo

MANOEL MARIA DE BARBOSA DU BOGAGE.



LISBOA

NA IMPRESSÃO REGIA.

ANNO M. DCCC. V.

*Por ordem Superior.*



20  
8  
21



A VIRTUDE  
D. G. A. M. A.  
RECEBADO

THEATRO DO SALOÃO  
A D V E R T E N C I A .

Seria injustiça exigir o desempenho de todos os Preceitos Dramaticaes em huma composição deste genero , cujo merito essencial he aprazer aos olhos por meio do espectáculo, e variedade das Scenas.

*Nuda . . . occurrit , per se pulcherrima , Virtus.*

Cardos. Cant. de Tripol.

MARQUEZ MARIA DE VASCOA DA BRAGA  
DE VASCOA DA BRAGA



L I S B O A  
NA IMPRESSÃO REGIA  
A N O M DCCC V  
Por ordem do Real

Ao Reverendissimo Padre Mestre o Senhor Fr. José  
Mariano da Conceição Velloso.

EPISTOLA.

**Q**ual d'entre as rôtas, náufragas cavernas  
 Do leão que se abriu, desfez nas rochas,  
 Colhe affanoso, deploravel Nauta  
 Reliquias tenues, com que a vida estêe,  
 Em erma, ignota praia, a que aboiarão,  
 E onde a custo o remio propicia antenna:  
 Tal eu, que da Existencia o Pégo, o Abysmo,  
 ( De que assomão, rebentão, rugem, fervem  
 Rochedos, Escarcéos, Tufões, e Raios )  
 Tal eu, que da Existencia o Mar sanhudo  
 Vi romper meu Baixel, e arremessar-me  
 A inhóspitos montões de estranha arêa,  
 Triste recolho os míseros sobêjos,  
 Com que esvaído alento instaure, esforce,  
 E avive os dias, que amorteco em mágoas.  
 Em ti, constante, desvelado Amigo,  
 Demando contra a Sorte asylo, e sombra;  
 Oh das Musas Fautor, de Flora Alumno:  
 ( Rasgado o véo da Alegoria ) estende  
 Ao Metro, que desvale, a Mão, que presta  
 Se azas lhe deres, em suave adêjo  
 De Lysia ao seio, que a Virtude amima,  
 Della Cultores, voaráo meus Versos,  
 E o Patrio, doce Amor ser-lhe-ha piedoso.

Bocage.

EPÍSTOLA

ACTORES.

A SCIENCIA.

A HOSPITALIDADE.

A INDIGENCIA.

A POLICIA.

A LIBERTINAGEM.

O GENIO LUSITANO.

ACTO UNICO.

Praça magnífica sobre as Margens do Téjo.

SCENA I.

*A Sciencia por hum lado , e a Indigencia por outro ,  
com a Hospitalidade.*

*Sciencia.*

**E**U, que elevo os Mortaes, e os esclareço;  
 Que méço a Lua, o Sol, que o Mundo abranjo,  
 Que da vetusta Idade aclaro as sombras,  
 Que entro por seus arcanos, e revóco  
 D'entre o pó, d'entre a cinza, d'entre o Nada  
 Ao Seculo vivente as Eras mortas;  
 Que dócil fiz o indómito Oceano,  
 Abyssmo de pavor, de bôjo immenso,  
 Que só por alta Lei não sorve a Terra;  
 Eu, do grão Jove, Confidente e Imagem,  
 Que do Fado os Mystérios desarreigo,  
 E co'a Moral dos Ceos cultivo o Globo;  
 Eu, a Sciencia, eu Fonte, eu Mãe das Artes,  
 Que sei desirmanar na Intelligencia  
 Entes, na fórma iguaes, na especie os mesmos,  
 Tornando-os entre si tão desconformes,  
 Qual dista do Selvagem bruto, e fero,  
 Macío Cidadão, que as Léis polirão,

Ah!

Ah! não posso impetrar, colher dos Numes  
 Para os Alumnos meus pavêz sagrado  
 A teus golpes, Fortuna, inteiro, illeso:  
 Sem que benigna mão lhe adoce os Fados,  
 Sem que escaça piedade o chame á vida,  
 De vigílias mirrado o Sabio morre.  
 Almas corrompe do Egoismo a peste;  
 Camões, Homeros na penuria cantão:  
 Ei-os co' a gloria temperando a sorte;  
 Sôão prodigios de hum, prodigios de outro;  
 Férrea Caterva os ouve: admira, e foge.  
 Só quando o Vate he cinza, o Muito he nada,  
 Por elles se interéssa o Mundo ingrato;  
 Na gloria estéril de Epitaffio triste  
 Solidos bens o Barbaro compensa:  
 Contradictoria Humanidade insana!  
 No insensivel sepulcro os Sabios honra,  
 E os Sabios não remio na desventura:  
 Quaes elles forão diz, não diz, qual fôra:  
 Nas almas frias o remórso he mudo.  
 Ai dos Alumnos meus! Soccorre-os, Fado,  
 Risca do Livro eterno o duro artigo,  
 Que ao Mérito, ao Saber seus premios veda;  
 Aquece os Corações no ardor da Gloria,  
 Fraternaliza os Mortaes; onde suspirão,  
 Os poucos Filhos meus co' a Mãi prosperem,  
 E ondê com seus innumerados sequazes  
 Colhe triumphos, a Ignorancia gema.

*Indigencia.*

Mãi veneravel, teu queixume ouvindo,  
 Amarga-me da vida o fel em dobro.  
 A filha tua, a misera Indigencia,

Que

Que muda te escutou piedosas mágoas,  
 Comtigo vem gemer, carpir contigo  
 A moral corrupção, que empesta o Globo.  
 Plagas e Plagas, entre as Socias minhas,  
 Entre as mansas Virtudes, hei vagado.  
 Pela voz da Pureza ( a que he de todas  
 A mais formosa ) deprequei o auxilio  
 De inchado Cortezão, que hum Deos se cria.  
 Melindre, Candidez, virginea Graça  
 ( Qual flor, em que era orvalho o doce pranto )  
 Aos olhos do Soberbo expôz seus males.  
 De gesto accezo, ovante, elle a contempla,  
 Nem hum momento á dor constrange o vicio:  
 Em vil proposição, que as Furias dictão,  
 Profana da Innocencia o casto ouvido,  
 E em cambio da virtude exige o crime.

*Sciencia.*

Ceos! Que infamia! Que horror! Prosegue, ó Filha,  
 Sucumbio a Innocencia á vil proposta?

*Indigencia.*

Não, que nos olhos meus velavão Deoses,  
 Fautores da Virtude: escuta e folga.  
 O celeste rubor, que tinge a Aurora,  
 Sóbe á face gentil, e as rosas brilhão,  
 Mas súbito tremor branquê-as logo;  
 Ei-la, d'olhos no Ceo, recúa, e geme:  
 Eu, porém, que no effeito observo a causa,  
 Ao seductor pestifero arrebatô  
 O objecto divinal, que o torna hum Monstro.

*Sciencia.*

Olha o Ceo na Innocencia a imagem sua.

*Indigencia.*

Murchas no horror do abominavel caso,  
 Inda comtudo as esperanças minhas  
 Levei de lar em lar; devendo a poucos  
 Piedade accidental, bati cem vezes  
 A's surdas portas de sumido Avaro,  
 ( Sumido em subterraneo abysmo de oiro )  
 Fallára o Monstro, se fallasse a Morte,  
 O silencio dos túmulos o abrange  
 Ante o metal ( seu Deos ), que em férreos Cofres  
 C'o a vista famlenta o Vil devora  
 Servos d'elle ( o poder he tal do exemplo ! )  
 Depois de longo espaço, e vanç instancias,  
 C'hum desabrido = Não = me affugentárão.

*Sciencia.*

De tudo ha Monstros mil na Especie humana;  
 Mas todos vence da Avareza o Monstro.

*Indigencia.*

Attende ao mais, e adoçarás teu pranto.  
 Do centro da Impiedade em fim retiro  
 Os fatigados pés, e os guio aos Campos,  
 Absorta nas imagens carinhosas,  
 Com que affagais a idéa, oh aureos Tempos.



*Sciencia.*

Se alli não ha Virtude, onde he que existe!

*Indigencia.*

Pobre choupana, que forravão colmos,  
Humildes lares, que zelava hum Nume,  
Attrahem meus olhos, e meu passo animão.  
Chego, e curvo Ancião, que alli repousa,  
Grande em seu nada, na indigencia rico,  
Sorrindo-se, me acolhe, amima, e nutre.  
Santa Hospitalidade! Eras a Deosa,  
Que o rugoso Varão, madura Esposa,  
E imberbe Prole sua, abençoava!  
Com milagrosas mãos os parcos fructos  
Nas arvores fadadas avultando,  
Para os errantes, pálidos Mesquinhos,  
Que eterna Providencia lá dirige,  
Leda colhiãz saboroso alento,  
E qual outr'hora a hum Deos, incluso no Homera,  
Muito do pouco a teu querer surgia.

*Hospitalidade.*

Conferio-me esse dom quem té no insecto  
Provê, do que lhe cumpre, a tenue vida.  
Deixando influxos meus no casto albergue,  
Onde Beneficencia e Paz convivem,  
Acompanhar-te quiz ao vasto Emporio  
De Lysia, do Universo, á Grão Cidade,  
Que espelha os Torreões no vitreo Téjo,  
Donde sagradas Leis despede ao Ganges.  
O Globo he puro aqui, e aqui parece

Estar inda na Infancia a Natureza,  
 Bella, serena, candida, innocente:  
 Principe amado, imitador dos Numes,  
 Ao público Baixel menêa o leme;  
 Numéra os dias seus por Dons, por Graças,  
 E o Mérito sem susto encara o Throno:  
 Se o gravame do Sceptro acaso inclina,  
 He sobre os hombros de Ministros puros,  
 Dignos do alto esplendor, que sahe da escolha.  
 Hum delles, cujo nome he caro aos justos,  
 Que tem, que exerce o Ministerio santo  
 De velar sobre o público Repouso,  
 Que encarcêra, agrilhôa, opprime o vicio,  
 O contagio dos máos aos bons evita,  
 E em piedoso Recinto abriga, instrue  
 A Puericia, que em flor dispõe ao fructo;  
 Luceno, o Zelador dos sãos costumes,  
 Pai do Infortunio, da Sciencia amigo,  
 Guarida vos promette; exponde, exponde  
 Ao Ministro exemplar, meu claro Alumno,  
 A vossa condição: vereis descer-lhe  
 Dos olhos Paternaes amavel pranto,  
 Proveitoso, eficaz, não pranto esteril,  
 Que momentaneas sensações produzem,  
 E o Merito infeliz, qual virão, deixão.  
 Em Luceno o favor segue a piedade,  
 Mortal, que os Immortaes sem custo imita,  
 E o bem, só porque he bem, desenha, opéra.  
 Eia, vinde: eu vos guio aos bem fazejos  
 Lares seus, Lares meus, sereis ditosas,  
 Oh Sciencia! Oh Penuria! os Ceos o ordenão.

S C E N A II

O Genio da Nação, e as mesmas.

O Genio da Nação.

**O**S Ceos o ordenão, sim; vai, guia, oh Deosa,  
Essa illustre Infeliz, e a mesta Prole  
Ao Magistrado eximio, ao Grande, ao Justo;  
Cessem queixumes, esperanças folguem.  
Ide; o Genio de Lysia, eu que dos Deoses  
Tive alta commissão de olhar por ella,  
De engrandecer-lhe, de afinar-lhe a Gloria,  
E honralla de opulencia incorruptivel;  
Eu, que espontaneo dera o grão de Nume  
Por este, que exercito, augusto emprêgo  
De escudar Lysia co' pavêz dos Fados,  
Oh Penuria! oh Sciencia! Eu vos abono  
Do Ministro sem par, favor, e asylo.

*Sciencia.*

O Ceo por ti se exprime: o Ceo não mente;  
Oraculo de Jove, eu te obedeço:  
Vejo sorrir-se ao longe amigos Fados;  
Guia-me, ó Deosa.

*Hospitalidade.*

Guio-te á ventura. (vão-se.)

S C E N A III.

O Genio só: a entrada.

**T**ereis o galardão, tereis o loiro,  
 Que á Virtude compete, immota, illésa  
 Entre os duros vaiveus de iniqua sorte:  
 Desgraçado o Mortal, se o chão não trilha  
 Por onde a mão de Jove arreiga espinhos,  
 Que súbito depois converte em flores!...  
 Mas que ufano Baixel retalha o Têjo! (1)  
 Brincão no tópe flammulas cambiantes,  
 E cambiante bandeira as ondas varre!  
 Eis vóa, eis se aproxima!... Hum quasi monstro,  
 De aspecto feminil, tigrinas garras,  
 De trage multicolor, lhe volve o leme:  
 Que Turba enorme á sua voz marçea!  
 E o ferro curvo, e negro ao fundo arroja!  
 Desce a vaso menor a horrivel Furia,  
 Reconheço-lhe o rosto, os fins lhe alcanço....  
 Lá vem, lá toca sobre a arêa e salta.  
 Inimiga dos Ceos! (2) és tu, profana!  
 Sacrilega, fallás, blasfemadôra,  
 Peste dos Corações, Orgão do Averno!  
 Vens tambem macular com teus venenos,  
 Com halito infernal, e atroz systema  
 Campos, que meu bafejo Elysios torna!

Li-

(a) Aparece hum Baixel, donde pouco depois desembârca a Libertinagem com sequito numeroso.

(1) Corre para ella.

*Libertinagem.*

Orgão não sou do Averno, o Averno he sonho (1)  
 Para mim, para os meus; não soffro o jugo,  
 Que sobre Corações tão férreo péza.  
 Fantasticos Deveres não me illudem;  
 O sensível me attrahe, do ideal não curo;  
 Só de palpaveis bens fecundo a mente;  
 O Bando, que allicio, e que prospéro,  
 Vive em prazeres, em prazeres morre.  
 Compleição dos Catões, Moral de ferro,  
 Furia, Libertinagem me nomêa;  
 Mas o carácter meu destroe meu nome.  
 Delicias ao teu seio, ó Lysia, trago,  
 Não crúas oppressões, nem agros males,  
 Que o Fantasma Razão produz, maquina;  
 Eu sou a Natureza: ella não manda,  
 Que o gosto opprimas, que os desejos torças;  
 As Paixões contentar, não he loucura:  
 Prestar-lhes attenção, vontade, assenso,  
 He lei, necessidade, e jus dos Entes.  
 Olha: com sceptro de oiro impéro, ó Lysia;  
 Franquêa o pensamento a meu systema,  
 Despe imagens quiméricas, e approva,  
 Que a posse do Universo em ti remate.

*Genio.*

Enganas-te, Perversa, os Ceos a escudão;  
 De Lysia puro Insenço aos Numes sóbe,

---

(1) Sentimentos abominosos da Libertinagem, refutaadós vigorosamente pelo Genio da Nação.

Arde em Virtude, inflamma-se na Gloria;  
 Moral, Religião, saudavel Jugo,  
 Que péza aos Impios, que aos Iniquos péza,  
 Nunca foi grave a Lysia; Heróe supremo,  
 Que he na Terra, o que he Jupiter no Olympto,  
 Aqui, não com violencia, e não com arte,  
 Mas pelo exemplo morigéra os Lusos,  
 Só menos, que as Deidades venturosos.  
 Não manches estes Ceos, Tartareo Monstro,  
 Não corrompão teus pés o são terreno,  
 Onde jaz da Virtude o trilho impresso.  
 Eco da Magestade, a voz te aterre  
 Do zeloso Ministro infatigavel,  
 Luceno, ao Throno, ás Leis, aos Deoses curvo,  
 Que, em vínculo fraterno atando os Póvos,  
 Os vê curvos ao 'Throno, ás Leis, aos Deoses.  
 Negreja, a teu pezar, o horror, que doiras,  
 O Inferno, que não crês, de ti fuméga,  
 E o Remorso tenaz te róe por dentro.  
 Este Povo de Heroes, de Irmãos, de Justos;  
 Teu carácter maldiz, teu nome odêa.  
 Aparta-te daqui . . . mas tu repugnas!  
 Guerreiros da Virtude, e flor da Patria, (1)  
 Que limpais a Moral de intrusa escória,  
 Eia, apurai o ardor contra esse Menstro;  
 A vosso invicto Esforço a Furia cêda,  
 Do Gremio da Innocencia o Vício fuja.

*Libertinagem.*

Não se alcança de mim victoria facil.

Ge-

---

(1) *Sabe Tropa armada, que trava peleja com os sequazes da Libertinagem, e os vai destroçando.*

Genio.

Satélites da Gloria! Avante, avante:  
A Pérfida fraquêa, a Palma he vossa.

Libertinagem.

Colheste contra mim Triunfo inutil:  
Lysia perdi, mas senhoreo o Mundo. (1)

S C E N A IV.

O Genio, e Tropa.

**G** Raças, ó Numes, sucumbio a infame.  
Heróes, eu vos bemdigo o Marcio fogo,  
O rápido valor, que n'hum momento  
A melhor das Nações salvou do estrago... (2)  
Mas, Deoses, soffrereis, que n'outro clima,  
Talvez á infamia sua ignoto ainda,  
Sobre o lenho orgulhoso aporte a Fera,  
E tóxico respire, e peste exhale!  
O sacrilegio pune: hum raio, ó Jove,  
Hum raio a torne cinza, hum raio abysme  
O ligneo Torção no equórcio centro (3)  
Annuiste-me, oh Deos! He chammas todo:  
Lá cahe, lá se desfaz, e o Téjo o sorve.  
Vai, Monstro, vai saber, desesperado,

Se

---

(1) Embarção-se tumultuosamente, sempre acossados pola Tropa.

(2) Vai-se a Tropa.

(3) Cahe o raio sobre o Baixel da Libertinagem, e o abraça.

Se he fantasma a Razão , se he sonho o Inferno ,  
 Vai no horrendo tropel dos teus sequazes ;  
 De momentanea flamma á flamma eterna ;  
 E eu , Ministro dos Ceos , submisso aos Fados ,  
 Vou por mão de hum Mortal encher seus planos. (1)

S C E N A V.

Carcere subterraneo , onde estarão os Vicios , e os Crimes agrilhoados , exprimindo variamente nos géstos a sua desesperação.

*A Policia com Guardas.*

**C**ontra os Vicios communs , que pouco tempem ,  
 Exercer correcções não só me he dado.  
 Velai , Guardas fieis , sobre os Perversos ,  
 Que a Policia commette ao zelo vosso ,  
 Até que o raio Némesis dispare  
 Co'a férrea voz de Tribunal supremo.  
 Eu dos crimes terror , dos crimes freio ,  
 A supplicio exemplar , que sare a Patria  
 D'ímpia contagação , reservo aquelle  
 De todos o mais duro , o mais funesto ,  
 Que , instrumento servil de atroz vingança ,  
 Tingio vendida mão no sangue alheio.  
 Ao cutélo de Astréa em vão furtaste  
 Colo rebelde ás Leis , ó tu , cruento ,  
 Lobo nocturno , que , vibrando as garras ,  
 A mansos Cidadãos oiro , existencia  
 De mistura usurpavas , sem que ao menos

Tre-

(1) Vai-se.



Tremesse o coração, e as mãos tremessem.  
 Estes, mais que nenhuns, velar se devem,  
 Estes nas feias, subterraneas sombras  
 Para o pavor da Morte a mente ensaiem:  
 Eu, Luz do bom Luceno, eu Alma, eu Tudo,  
 Corro, entre-tanto, a suggerir-lhe idéas,  
 Com que os públicos Bens floreação, medrem.  
 A Sciencia, e Penuria, antigas Socias,  
 Em seus Lares por elle ha pouco ouvidas,  
 O fertil patrocínio lhe implorarão.  
 Em lagrimas lhes deo penhor singelo  
 De firme protecção: vós, Indigentes,  
 Seus effeitos vereis, vereis, ó Sabios,  
 Que a Mente, e o Coração por vós divido. (1)

S C E N A VI.

Salão Magestoso da Policia, adornado das Estatuas  
 de varias Virtudes.

*O Genio, e a Hospitalidade.*

**E** Is-me na Estancia da Policia Augusta,  
 Cultora da Razão, das Leis, do Solio.  
 A titubante, a pávida Indigencia,  
 Que já dos males seus alívio goza,  
 Por mão do Bemfeitor, que os Ceos inspirão,  
 Vem co'a Sabedoria honrar seu nome,  
 De interna Gratidão, sagrar-lhe os cultos;  
 Mas profundo respeito os pés lhe tolhe,  
 E o Salão venerando entrar não ousão.

B

S C E-

(1) Vai-se.

SCENA ULTIMA.

Os ditos, e a Policia, que, ouvindo as ultimas  
palavras, sahe de repente.

*Policia.*

**F**oi sempre este lugar franco á Virtude,  
Entrai. (1)

*Hospitalidade.*

Longe de vós hum vão receio.

*Policia.*

Cumprí vosso dever, tecei contentes  
De Luceno o louvor. Materia summa  
As Virtudes vos dão, que resplandecem  
Em brilhantes Estatuas magestosas  
Neste brilhante, Magestoso Alcaçar.  
Aquella, que risonha os olhos firma,  
Como que rosto súpplice attentando,  
He a Benevolencia, e diz no affago,  
Que alguns, havendo a honra em mais que os lucros,  
Ante duro Ministro enfrêão preces,  
E só do Compassivo, e só do Affavel  
A presença demandão, que os conforte,  
Que ao rogo n'hum sorriso o effeito augure,  
E não de altiva injúria avilte o rogo.  
Esta he o Exemplo, est'outra he a Inteiraça;

Alli

---

(1) *Entrão as duas.*

‡ ( 19 ) ‡

Alli Fidelidade o jaspe ánima ;  
 Desinteresse além reluz, e avulta ;  
 Mais perto voluntaria Obediencia  
 Curva o docil joelho : eis as Virtudes ,  
 Que fórmão , bom Luceno , o teu character ,  
 Todas egregias , necessarias todas.

*Sciencia.*

Verdade, e Gratidão nos lábios nossos,  
 Approvão quanto sôa em honra delle.

*Indigencia.*

Oh Reinante feliz com taes Vassallos!

*Policia.*

Folga, Sciencia, e tu, Penuria, folga :  
 Dado me he recrear-vos, ser-vos guia  
 Ao Principe immortal, de quem reflectem  
 Raios de luz para o Ministro excelso,  
 Que o seu mór premio tem na Regia Gloria.  
 Curvai-vos, e admirai o Heróe sublime,  
 Que Lysia adora, é que adorára o Mundo,  
 Se o Mundo todo merecesse olhallo. (1)  
 Vêde a seus pés o Magistrado insigne,  
 Que nelle se revê, que a bem da Patria  
 A Grandeza Real submisso implora.

B ii

Hos-

---

(1) Abre-se o fundo do Theatro, apparece o Retrato do Principe R. com o Magistrado a seus pés, offerecendo-lhe os Votos mais puros da Nação.

*Hospitalidade.*

Quanto a Virtude altêa a Dignidade.

*Sciencia.*

Oh Júbilo: Oh Ventura!

*Indigencia.*

Eu pasmo, eu tremo.

*Genio. (Dirigindo-se para o Retrato do Principe R.)*

Heróe, sacro aos Mortaes, acceito aos Numes,  
Olympico Fulgor compõe teus dias;  
Os Ceos na minha voz mil dons te abonão,  
Com meus olhos teu Povo os Ceos vigiãõ;  
O Commercio por ti de fé se nutre;  
As Artes, a Virtude, as Leis triunfãõ;  
No Solio, no Poder tens base eterna;  
Tua alma sobresahe aos teus Destinos;  
E de teu puro arbitrio esse orgão puro,  
He digna escolha tua, aos Astros voa  
No rasto de oiro, com que o Pólo esmaltas.  
Subditos de JOÃO, rendei mil cultos  
Ao grão Regente, ao inclyto Carácter,  
Que nelle diviniza a especie humana:  
A voz da Gratidão se alongue em Vivas,  
E cordeal ternura os labios honre.

(CORO.)

Oh Luso Heróe: Baixaste  
Da Estancia divinal:  
Tu és hum Deos visivel,  
Oh Principe immortal!

S O N E T O.

Meu ser evaporei na lida insana  
 Do tropel de paixões, que me arrastava:  
 Ah! cégo eu cria, ah! misero eu sonhava  
 Em mim, quasi immortal, a essencia humana.

De que innumerous sóes a mente ufana  
 Existencia fallaz me não doirava!  
 Mas eis succumbe Natureza escrava,  
 Ao mal, que a vida em sua origem damna.

Prazeres, socios meus, e meus tyrannos,  
 Esta alma, que sedenta em si não coube,  
 No abysmo vos sumio dos Desenganos.

Deos... oh Deos! quando a morte a luz me roube,  
 Ganhe hum momento o que perdêrão annos,  
 Saiba morrer o que viver não soube.

Bocage.

S O N E T O.

De peito impenetravel sempre ao susto,  
Lédo entre as armas, a folgar no p'riço,  
O' França, teu magnanimo inimigo,  
Por timbre teu não triunfou sem custo.

Ardendo em gloria o coração robusto,  
Onde teve o troféo, teve o jazigo:  
Nelson venceo, venceo por uso antigo;  
Mas da victoria foi desconto injusto.

Bem que nadante a Gallia em rubro lago,  
( Domando a morte quem seus brios doma )  
Crê reparar com isto immenso estrago!

Ah! donde hum Nelson cahe, logo outro assoma,  
Assim, de Heróes privando-te Carthago,  
Heróes fervião no teu seio, o Roma.

Bosage.

S O N E T O .

Mãi de Chefes Heróes , de Heróes soldados  
A Gallia herdou de Roma o genio , a sorte ;  
Seus Filhos no igneo jogo de Mavorte  
Virão Marcios Leões tremer curvados.

Mas alta Lei dos Penetraes Sagrados  
Baixou , que o fatal impeto reporte :  
Fervendo em raios no Oceano a morte ,  
Te obedece , ó Britania , ao mando , aos Fados.

No Continente o Gallo he Deos da guerra ;  
O Anglo audaz sobre o pelago iracundo  
Da victoria os pendões , troando , afferra . . .

Ah ! nutrão sempre assim rancor profundo.  
Hum triunfa no mar , outro na terra :  
Se as mãos se derem , que será do Mundo !

Bocage.

S O N E T O.

C'hum Diadema de luz no Elysio entrava  
 Envolto Nelson em sanguineo manto;  
 Lavrou nos Manes desusado espanto,  
 E a turba dos Heróes o rodeava.

Grita Alexandre ( e nelle os olhos crava )  
 Quem hes, que entre immortaes fulguras tanto?  
 Sou ( lhes diz ) quem remio de vil quebranto  
 Europa curva, oppressa, e quasi escrava.

Deixei de sangue o pégo rubicundo;  
 Troféos em meu sepulcro a Patria arvora;  
 Raio ardi sobre o Gallo furibundo...

Nisto de novo o Macedonio chora:  
 O que immensa extensão venceo do Mundo,  
 Quem vencêra hum só povo inveja agora.

Bocage,



A Memoria de Ulmia.

S O N E T O.

Quando meu coração de Amor vivia,  
 Ufana a liberdade em ver-se escrava,  
 E quando para mim se variava  
 O Ceo n'um riso, o Ceo n'um ai de Ulmia.

Das escuras Irmans a mais sombria,  
 E que mais com seu pêzo o Mundo aggrava,  
 Na vista divinal, que me encantava,  
 Roubou luz á minha alma, e luz ao dia.

Não mais, Dor, Fado meu, Dor, meu costume:  
 Cedo a paz gozarei, que o peito anhéla,  
 Nos olhos do meu Bem, do Ceo já lume;

Junto á Nynfa immortal, na Estancia bella,  
 Os dias perennaes, que vive hum Nume,  
 Irei ( Nume em ser seu ) viver com Ella.

Bocage.

S O N E T O.

*Il n'est de malheureux que les cœurs détrompés.*

Voltaire. Merop. Trag.

Em vão, para tecer-me hum ledo engano,  
Filosofo ostentoso industrias cança;  
Diz-me em vão, que exhalando-se a esperança,  
Repousa na apathia o peito humano.

O nauta a soçobrar no Pégo insano  
Vê rir ao longe a cérula bonança;  
A mente esperançosa enfreia, amansa  
Os roncós, e as bravezas do Ozeão.

Se nos míseros cahe da mão dos Fados  
O negro desengano, e illos anciosos,  
E á desesperação, e á furia dados.

Doirai-nos o por-vir, oh Ceos piedosos!  
Justos Ceos: dêm sequer jardins sonhados  
As flores da ventura aos desditosos.

Bocage.

*Ao Senhor Manoel Maria Barbosa da Bocage, por occasião de se ter dito, que recebera o Sagrado Viatico.*

SONETO.

Depois que a teus ouvidos grata vòu  
Mensagem pura, que ante os Ceos te expia,  
Por mil Sóes, Orbes mil, por Lactea Via  
Jove ao proprio teu lar desce em pessoa: (1)

Colloquio amigo, que entre os Dois resôa,  
Par não soffre em ternura, em energia,  
He d'hum Cysné expirante a melodia,  
He a fraze efficaz d'hum Deos, que trôa:

Congraçados eis são Mortal, e Immenso,  
Fogem subito ao pacto renovado  
Vã lida, torpe invéja, e morbo intenso

Rasgou-se o véo do núbilo teu Fado,  
Dás fragil myrrha por eterno incenso,  
D'Home és Nume, de Vate és invocado.

*De Santos e Silva.*

*Ao*

---

(1) Contraction de Jehova.

Ao Senhor Manoel Maria Barbosa da Bocage, achando-se o A. molesto.

SONETO.

A Musa, que bebes comtigo alento,  
Que ao lado teu paixões commerciava,  
Os sons, que alegre outr' hora derramava,  
São ais viuvos, que dirige ao vento.

D'entre meus braços te apertar sedento,  
Por vingar o intervallo soluçava,  
Que a mal firme existencia me embargava,  
Sem que podésse olhar-te hum só momento.

Se não pude fartar voraz saudade,  
Inda mádida a face, enternecida,  
Chora males do amigo em soledade.

Minha alma em tua dor toda embebida,  
Implora em ais, em pranto aos ceos piedade,  
Ama doirar-te a tenebrosa vida.

De Pedro José Constancio.

*Ao Senhor Manoel Maria Barbosa du Bocage.*

S O N E T O.

Entre as flores, que as Graças bafejão,  
Curvas d'Elmano á prepotente Lyra,  
Venus brincando com Adonis gyra,  
Dando-se beijos, que em rosas cevãõ.

Assim contentes horas deslizarão,  
Ao som canoro, que o prazer inspira:  
O Ceo pendente extasiado admira!  
Té que os Numes d'inveja ao som raivãõ.

Dedos torpecem!.. arrebutão cordas!..  
Cumprio-se a voz de hum Deos, cumprimento-se a Sorte,  
Em quanto, Eco chorosa, os tons recordas.

C'roai-o, ó Ninfas, pranteai-lhê a morte:  
E ao menos, Jovê, que em prazer trasbordas,  
Deixa vello de cá na etherea Corte.

*Do mesmo.*

S O N E T O.

Pungido pela dor, banhado em pranto,  
 Desato, Elmano, minha voz truncada,  
 Que de gemer, de suspirar cançada,  
 Acha o rouquejo no lugar do canto.

Debalde em pragas mil a voz levanto  
 Contra o Cypreste, lúgubre morada,  
 Que de funereas Aves carregada,  
 Te condensa o pavor, o susto, o espanto.

Para baldar o agoiro, em vão tentára  
 Loiros dispôr em mimo esperançoso,  
 Que na aridez não vianga a ténuê vara.

Rouba-me embora, ó Fado rigoroso,  
 Esse que Lyria, o Mundo assoberbára,  
 Que o pranto he meu, prantearêi saudoso.

*Do mesmo.*

*Ao Senhor Manoel Maria Barbosa du Bocage.*

S O N E T O .

Embebido na sólida Verdade,  
Zombas dos Impios, que sem pejo ou mêdo,  
Decifração de Mysterios o segrêdo;  
Trévas a nós, e Luz á Eternidade :

Adoras a Suprema Divindade,  
( Teu futuro Juiz ou tarde ou cêdo )  
Na fé se adoça teu remórso azedo,  
Esp'rando a divinal Tranquillidade.

Loucas Paixões, que fomentaste outr' hora,  
( Feiticeiro Manjar dos flóreos annos,  
Que o Juizo maduro não vigóra )

Esses gostos fataes, gostos mundanos,  
Expiando na dor, que te devora,  
Ganhas hum Deos, e choras os Profanos.

*Joaquim Antonio Soares de Carvalho.*

ELO-

ELOGIO AO PUBLICO

*Em nome de huma Actriz da Rua dos Condes.*

A Musa, que nas Scenas de Ulysséa,  
 Não sem gloria, ajustava o métro á Lyra,  
 De Elmano o só thesoiro (a Sócia mésta  
 Da quasi muda cinza, aérea sombra)  
 Inda hum salvé tremiente á luz envia,  
 E dá versos á Patria, ou dá suspiros,  
 Da nobre Gratidão pelo órgão puro.  
 Oh Lysia! Escuta os sons, talvez extremos;  
 Que do seio affanoso, a custo, exhála:  
 ( O Cysne diviniza os sons na Morte )  
 Ouve, em métro não baixo, ouve alto affecto,  
 Que me honra o coração, na voz me ferve,  
 E no Patrio favor a ardencia nutre.  
 Recente Arveresinha em chão bravo,  
 De humor celeste desfinhando á mingca,  
 ( E mimosa jámais de hum Sol fagueiro )  
 Eu para a Terra, para a Mãi pendia,  
 Que os suscos mesquin hava ao tenro Arbusto,  
 Talvez de produzillo arrependida.  
 Eis braço, a que apiedou meu ser já murcho,  
 Me extráhe, propicio, do Terreno avaro,  
 E em liberal torrão me põe, me arreiga.  
 Súbito espérta, súbito enverdece  
 A Planta moribunda, e qual sé, ó Léthes,  
 Afferrasse a raiz nzs margens tuas,  
 Que das Furias o bafó esteriliza.  
 Influxo animador me altéa, e fólha;  
 Hálito ameno de vivaz Favónio



Com macios vaivens me embala os ramos,  
 Flores me adornão, fructos me atavião :  
 Os sorrisos da Patria, os mimos della  
 Estas boninas são, são estes fructos.  
 Das trévas, e da Morte as Aves feias,  
 ( De atra voz, em que o Fado ás vezes sôa )  
 Fogem d'entorno a mim, carpindo agouros,  
 Nas agras, negras furnas vão summir-se;  
 E na coma louçã gorgêa encantos  
 Teu Cantor, Primavéra, o vosso, Amores.  
 Quanto sou, quanto valho, á Lysia devo,  
 E á Lysia o coração na voz consagro.  
 Acólhe com ternura, acólhe, ó Patria,  
 As offrendas por mim do triste Vate,  
 Que para te cantar surgio da Morte,  
 E em ancias balbuçia o tom dos Numes :  
 Honra déste ao Cantor, dá honra ao canto.

Bocage.

ODE

*Ao Senhor Manoel Maria Barbosa du Bocage.*

**D**O boto engenho a sequidão, e a mingoa,  
 Supri, vós Amizade, e sentimento,  
 E a frase ingenua, a Candidez saudosa,  
 Tebêos thesouros valhão.

Tinta sempre de negro a Fantasia,  
 Em vão tactéa o viço dos Prazeres,  
 As sombras medirão, desaparece o esmalte  
 Dos Parnásidos sonhos.

Anciado o coração, palpita, e pede  
 Amenos quadros, que o vigor lhe abonem,  
 Mas, o seu oppressor, o Pensamento,  
 Se produz, produz lucto,

E como afluêntar, banir-lhe as trévas,  
 Se de hum, se de outro lado eu sinto, eu vejo  
 Duros arremessões, pendentes golpes  
 Do meu verdugo, o Fado.

Daqui me aponta a pálida Amizade,  
 O Amigo, o Vate, o Pensador, o Tudo  
 ( Socio nas ditas, e nas mágoas socio )  
 Desviado, e penando.

Dalli me punge o indomito Destino:  
 Novo Tantaló eu sou! Vejo a Ventura,  
 Cresce o desejo, esforços se redobráo,  
 Mas não posso abrangella.

Impertinentes, faceis Conselheiros,  
 Sizudo Aristocrata me pertendem  
 Systema, e Genio me prohibem; soffro do  
 Affanoso contraste.

Nos grilhões de hum dever, que me flagella,  
 Nem do meu coração disponho livre!  
 Quantas vezes me vês, Amor, oh quantas  
 Cobiçar-te, e fugir-te!

Na varia compressão, no cerco infando  
 De Pesar, e Pesar conheço o pouco,  
 Que resiste a Razão, e quanto, e quanto  
 Filosofia hé futil!

A Sensassão dispotica ensurdece  
 Da sã Prudencia ao madurado Aviso,  
 E contra a innata propensão dos Entes  
 Politica o que ayulta?

Mente, quem me disser, que em homens cabe  
 Não gemer, se Afflicção irrita, e lacera!  
 Não mais póde o Atilado, o Sapiante,  
 Que evitar-se ao naufragio.

Eu, que desde a bemvinda Primavera,  
 Em que a Luz da Razão dourou meu clima,  
 Tive sempre comigo, e meus Destinos  
 Atinada pelêja.

Votado desde então a Amor, e ás Musas,  
 Filosofo, os espinhos acamando,  
 Horas tenho, assim mesmo, em que a meus olhos  
 A existencia negreja.

Ditoso tempo aquelle, Elmano, o caro,  
 Que em amiga união (volvendo a teia  
 Do Porvir, do passado, e do presente,)  
 Nos davamos constancia!

Então (oh! tempos, que valeis saudades)  
 Amizade interesses enlaçando,  
 Delicias extrahia ás mãos da sorte,  
 Que trovejava inutil.

Então as Nynfas do Pierio esquivo,  
 Com teus Olympios sons extasiadas,  
 Folgavão de me ver medrado Alumno,  
 Rastear-te, e com gloria.

Ah! bem que nos separa occulta força,  
 Inda te segue o socio Pensamento: (1)  
 Se Poder, e Vontade condissessem,  
 Moniz fôra contigo.

Menos agros talvez teus dias forão,  
 E os turvos dias meus, que enlutão mágoas,  
 Com doce languidez amenizára  
 O Prazer fugidio.

Matiz equivalente a Paraisos,  
 Variado entre Amor, entre Amizade,  
 Me enchera o vácuo da existencia ensôssa,  
 Que se definha inerte.

Ea

(1) *Affectusque animi, qui fuit ante manet.*

Ovid. Trist. lib. 5. Eleg. 2.

4 ( 17 ) 4

Eu amo, eu sou amado, eu lucro, eu gózo;  
Mas, ai! que a hum dia de prazer succedem  
Dias, e dias de Afflicção teimosa,  
Que o coração me azedão.

Amas, como eu também, também amado,  
Mas avesso Poder te engelha os fructos,  
Que já colheste em tempos fortunosos  
De perpétua lembrança!

Cumpria, que a Amizade suppridora  
Instantes affagasse amargurados,  
Mesmo d'entre os negrumes do Destino  
Tirasse hum riso a furto.

Infelizes de nós, se não restasse  
No fundo d'alma, de soffrer cansada,  
Divino não sei que, que aos males todos  
Nos torna sobranceiros.

Eia, pois ao porvir se appelle, Elmano,  
Fonte de gostos, ideas amenos,  
O Fôlego alargando ao soffrimento,  
Leda Esperança ondêa.

Ella espinhos crueis em flores torna,  
Sustenta o fio, e dá sabor á vida;  
Retem suicidas mãos, angustias doura, (1)  
Deve ser nosso Numen.

Se

---

(1) *Me quoque conantem gladio finire dolorem,  
Arguit, injectas continuitque manus.*  
Ovid. de Pont. lib. 1. Eleg. 6.

Se dizes com Ovidio: „ Eu perdi forças, (1)  
„ Perdi côr, e mal cobre a pelle o osso; „  
Tambem com elle eu digo: „ Immensos males (2)  
„ A velhice me avançaõ. „

A Aurora do Prazer talvez que enflor,  
Ermo invernos da existencia nossa  
A' Fama vividoura, assombros novos  
Na Lyra então daremos.

Por Nuno Alvares Pereira Moniz.

- 
- (1) *Nam neque sunt vires, nec qui color ante solebat,  
Vixque habeo tenuem, que tegat ossa, cutem.*  
Ovid. Trist. lib. 4. Eleg. 6.
- (2) *Me quoque debilitat series immensa laborum,  
Ante meum tempus, cogor et esse senex.*  
Ovid. de Pont.

3 ( 19 ) 5

*Carminibus quero miserarum obliviam rerum;*

Ovid.

O D E

*Ao Senhor Nuno Alvares Pereira Moniz.*

**J**A' meu estro, Moniz, apenas sólta  
 Desmaiadas faiscas;  
 Em que as frôxas idéas mal se aquecem;  
 Elmano do que ha sido  
 Qual no gésto desdiz, desdiz na mente;  
 Diástole tardia  
 Já da fonte vital me esparge a custo  
 O licor circulante,  
 Que he rosa entre os jasmims de virgem Face,  
 Que outr'ora esperto, accezo  
 De santa Agitação, de Ardor sagrado,  
 No cérebro em tumulto  
 (Estancia então de hum Deus!) me borboalhava.  
 Respiração Divina,  
 Entusiasmo augusto, alma do Vate!  
 Que rápidos portentos,  
 Portentos em tropel, não déste á Fama,  
 Não déste á Natureza,  
 A' Patria, ao Mundo, a Amor na voz de Elmano!  
 Ora, aplanando os sulcos,  
 Com que a Saturnia mão semblantes lavra,  
 A Razão pensadora  
 Erguia aos graves sons o grave aspecto:  
 Ora ao ver-se anteposto  
 Por deleitosa insânia, a Ella, a Tudo,  
 O grato, Cyprio Nume,

Fa-

Fadava docemente o doce canto  
 No Coração de Anália.  
 Oh extase! oh relampagos da Gloria:  
 Faustos momentos de ouro,  
 Com que meu grão comprei na Eternidade:  
 Do Tempo meu voando,  
 Do Tempo que anuvião negros Males,  
 Brilhais inda em minha alma;  
 Entre sombrias, áridas Idéas,  
 Qual entre Aves escuras,  
 (Orgãos do Agouro, Interpretes da Morte)  
 Requebros annullando,  
 Das Aves de Cithéra o Coro alveja. . . .  
 Mas ah, saudosos Días,  
 Vós sois memoria só, não sois influxo:  
 Não me reluz comvosco  
 O Espirito, abysmado em fundas trévas,  
 Com gasto, debil fio  
 Prêzo á Materia vil, que rálão Dores:  
 Ante meus olhos tristes,  
 (Que já d'amiga luz se despedirão)  
 Sahe de eterna Voragem  
 Vapor funéreo, que exhalais, oh Fados:  
 Eis meu termo negreja,  
 Eis no Marco fatal meu fim terreno! . . .  
 Mas surgirei nos Astros  
 Para nunca morrer: com riso impune  
 Lá zombarei da sorte.  
 Moniz! oh puro Amigo! oh Socio! oh Parte  
 Do já ditoso Elmano!  
 A's Musas, como a mim, suave, e caro!  
 De lagrimas, e flores  
 Honra-me a cinza, o túmulo me adorna,  
 Não só longa Amizade,



子( 41 )

Novo Sacro Dever te exige extremos:  
     Da Lyra minha herdeiro  
 Meu Nume Fébo, e teu te constitue;  
     Fébo apôs mim te augura  
 Vasto renome, que sobeje (1) aos Evos:  
     ( He dos Annos vantagem,  
 Não vantagem do Engenho a precedencia )  
     Teu metro magestoso,  
 Que já, todo fulgor, zoilos deslumbra,  
     Teu metro scintilante,  
 Das virtudes mimoso, acceito ás Graças,  
     Turvem saudades: canta  
 Alguma vez de Elmano, e chora-o sempre,  
     E Amor, e Anália o chorem:  
 Amor, e Anália, meus piedosos Numes.  
     Sem mim, por mim suspirem.

Bocage.

---

(1) Em Lucena, e em outros Quinhentistas de summo apreço, vem sobejar por exceder.

Por largo campo, indómito, e fremente,  
Corre o Nilo espumoso:  
Feroz alaga a rápida corrente  
O Egypto fabuloso:  
Mas se na grã carreira, ás ondas grato,  
Tributo de caudaes rios acceita,  
Soberbo não regeita  
Pobre feudo de incógnito regato.

Diniz. Ode 1.

O D E

Por occasião da noticia , que grassou no Porto , das  
melhoras do Senhor Bocage.

Cisne de immenso vôo! ave , que rója,  
A medo se abalança aos teus louvores.

**D**'Entre a que , eterna , lá no abysmo estala  
Immensa chamma , que accendeo o Immenso ,  
Tôrva ullulando , á região do dia  
Surge a myrrhada Invéja.

Seu hálito empestado a luz suffoca ,  
E sécca , e mirra as arvores , as flores ;  
Dragão , de linguas tres , na dextra arrôcha ,  
Alça na outra o facho.

Silvão-lhe horrendas na tostada fronte  
Viboras crespas , de que está coalhada ;  
Nutre nos peitos ávida serpente ,  
De insaciavel fome.

Atro veneno a lingua lhe destilla ,  
A lingua , que de vibora parece :  
Vós Górgonas , vós Furias , tu Medusa ,  
Não sois mais horrorosas.

De espaço meneando as azas longas ,  
Demanda vagarosa a Estygia margem ;  
E alli , prendendo o vôo , descendo á terra ,  
Que , ao sentilla , estremece.

Alli

Alli em subterranea , em ampla furna ,  
Desde a infancia dos seculos formada ,  
Dura , immutavel lei impondo a tudo ,  
Reside a Morte horrenda.

Montão enorme de esbulhados ossos ,  
De crâneos seccos lhe compõem o throno ;  
Assôma no alto o descarnado Monstro ,  
A ferrea fouce em punho.

Voão-lhe em roda Lémures , Espectros ,  
Jazem-lhe aos pés as lividas Doenças :  
O silencio , o pavor , a escuridade  
Alli , perennes , morão.

Nos quatro cantos da horrorosa estancia  
Quatro cyprestes lúgubres se elevão ;  
Aves sinistras , rouquejando agouros ,  
Entre os ramos se aninhão.

Para aqui se encaminha a Invéja tórpe :  
Tremendo , aos pés do throno se apresenta ;  
Frio terror os membros lhe entorpece  
Ao encarar o Nume :

Mas , assanhando a roedora serpe ,  
Que no peito lhe pásce , a dor vehemente  
Lhe esperta o coração , lhe volve o acôrdo ;  
E assim troveja a Furia :

„ Deosa , dominadora do Universo ,  
„ Cujo imperio vastissimo confina  
„ Co' a muralha da immensa Eternidade :  
„ Branda meu rogo affaga.

„ Já

„ Já vezes mil o tétrico veneno  
 „ Das serpes, que me toucão, que alimento,  
 „ Fêz em teus lares borbulhar o sangue  
 „ De victimas sem conto.

„ Serviço não vulgar, que te hei prestado,  
 „ Jús me confere a não vulgar indulto:  
 „ Vinga-me, ó Deosa, de hum Mortal soberbo,  
 „ Que ouça affrontar-me impune.

„ Elmano, o caro a Febo, e caro a Lysia,  
 „ C'roado ha muito de immurchavel louro,  
 „ Sobre o ludibrio meu alçou ufano  
 „ Troféo de eterna dura.

„ Com pé robusto esmigalhou valente  
 „ ( Da peçonha mortal nem foi tocado )  
 „ Viboras, que arranquei da trança horrenda,  
 „ Para arrojlar-lhe ao seio.

„ Tentei vãmente ennegrecer-lhe a Fama,  
 „ Que nivea, e pura os Orbes divagava;  
 „ Meus baldados projectos só servirão  
 „ De aviventar-lhe o lustre.

„ Chusmas de Zoilos, meus fieis Ministros,  
 „ Em vão em meu favor as armas tomão:  
 „ Relampaguêa o Vate, e nos abysmos  
 „ Baqueão, aterrados.

„ Myrrhada de pezar, baixei ao Orco,  
 „ E alli fui prantear a injúria minha:  
 „ Gritos, que então soltei de dor, de raiva,  
 „ Inda nelle retumbão.

„ Foi-

„ Foi-me contudo balsamo suave  
 „ A' dor cruel, que me ralava o peito,  
 „ O grato annúncio, de que o Vate odioso  
 „ Roçava o ponto extremo.

„ Mortifero aneurisma promettia  
 „ Romper-lhe antes de muito os nós da vida:  
 „ Meu coração folgou, desaffrontado,  
 „ Co'a proxima ventura.

„ Já com soffregas mãos, tintas em sangue,  
 „ No Báratro compunha atróz peçonha,  
 „ Para ensopar-lhe as socegadas' cinzas  
 „ No tácito jazigo.

„ Porém, ó Deosa, se, exercendo a Fouce,  
 „ O demorado golpe não desfechas,  
 „ As, que alimento, gratas esperanças,  
 „ Qual fumo, se esvaecem.

„ Sim, ás contínuas súplicas de Lysia,  
 „ Como que o Fado a fronte desenruga;  
 „ Brando, macio já, como que intenta  
 „ Deferir-lhe propício.

„ Ah! e quanto, inda assim oppresso, enfermo,  
 „ Quanto me affronta, me assoberba Elmano!  
 „ Seu Estro sempre o mesmo, sempre em chammas,  
 „ Raios me vibra intensos.

„ Todos de Lysia abalizados Cisnes  
 „ Melifluo cânto em seu louvor modúlaõ;  
 „ Rôto ao Porvir (mercê de Apollo) o seio,  
 „ Vida fadão-lhe eterna.

„ E serei, ai de mim! assim calcada,  
 „ Sem que possa vingar-me! . . „ Aqui lhe brótão  
 As lágrimas em fio, entre soluços  
 Suffocada, emmudece.

Depois de curto espaço, a Morte horrenda,  
 A fronte definada meneando,  
 Alça a medonha voz, e assim responde  
 A' consternada Furia:

„ Não te desdenho, ó Filha: do meu throno  
 „ Tu és robusto apoio; os teus serviços  
 „ A obrigação me impõe de ser-te grata:  
 „ Morrerá quem te affrontá. „

Disse; e n'astea da Fouce o corpo firma,  
 Ergue-se, e ensaia para o vôo as azas:  
 Nos cantos da caverna os negros Mochos  
 Soltão da morte o grito.

Eis que estranho clarão, rompendo as tréyas,  
 Súbito inunda a lóbrega morada;  
 Eis apparece ( mortal raio á Invéja )  
 Em branca nuvem Lysia.

Brando sorriso esmalta-lhe o semblante,  
 Nos olhos o prazer lhe reverbéra,  
 Luz-lhe na dextra lâmina de bronze,  
 Qual astro, fulgoreza.

Com garbo magestoso a vestidura  
 Sobraça roçagante; e assim que arrósta  
 O Nume aterrador, na voz suave  
 Taes expressões lhe envia:

„ Chorosa, amargurada, longo tempo  
 „ Curva ante o Solio do adoravel Fado,  
 „ Ferventes rogos, humidos de pranto,  
 „ Fiz subir-lhe á presença.

„ De Elmano, do meu Vate a vida em risco:  
 „ Meu coração materno consternava:  
 „ Elle era a gloria minha; ella morrêra,  
 „ Se morresse o meu Vate.

„ Regeitado, porém, não foi meu rogo:  
 „ O Fado para mim sempre benigno,  
 „ Risonho me outorgou (mercê não tenue)  
 „ O suspirado indulto.

„ Eis o Decreto seu: „ ( e entrega ao Monstro  
 A lâmina de bronze. ) Ao vê-lo a Parca,  
 Depondo a curva Fouce, inclina a frente,  
 E reverente o beija.

„ Cumpra-se, ó Lysia, ( diz ) a Lei do Fado. „  
 Exulta Lysia, e presurosa surge  
 Da habitação medonha: opâcas sombras  
 De novo alli se espessão.

Oh que horrendo espectáculo não era  
 A Invêja furiosa, ardendo em raiva!  
 Da dextra, da sinistra a serpe, o facho  
 Arremêça convulsa.

As melenas, frenética, arrepêla,  
 E de âspides alastra o pavimento;  
 Na bocca, onde as espumas são veneno,  
 As maldições lhe fervem.



Torcendo , e retorcendo os vingos olhos ,  
 Vaguêa delirante a vasta furna :  
 A Morte , a propria Morte , ao ver-lhe as furiâs ,  
 Tremê no throno horrendo.

O Fado , contra quem vomita o Monstro  
 Negra turma de pragas , indignado  
 Manda ronque o trovão , fuzile o raio ,  
 E sobre ella desabe.

A Furia , remordendo-se , baquêa ,  
 E no bojo inflammado o Inferno a sorve.  
 Em tanto a grande Lysia , exultadora  
 Vôa a abraçar seu Filho.

EPISTOLA

Feita no julgado ultimo periodo da vida do Senhor  
Manoel Maria de Barbosa du Bocage.

EPIGRAMA

*Rebus angustis animosus atque  
Fortis appare.*

Horat. Od. 7. liv. 2.

**S**E póde hum mocho, piador nas selvas,  
Branças plumas cobrar, surgir da noite,  
E dos pios colher vozes sonóras,  
Tendo assumpto sem par, Heróes cantando:  
Não sou ave infeliz, odeio as trévas;  
Minha essencia mudei; encaro o dia,  
O dia, que nasceo na luz d'Elmano.  
O' tu Dominador, de quem domina  
No medonho poder d'escuro pégo,  
Onde morre o Vulgar, existe o Grande;  
Em que ufana de Ti a Eternidade,  
Dos limites sahio, mandou soberba  
Aos Futuros pasmar, tremer aos Fados;  
E nos Livros ao tempo sobranceiros  
O teu nome esculpir, dar vida ás letras;  
Que sedentas té'li de iguaes talentos,  
Sem a mira lançar a mais, ou tanto,  
Novo campo não dão a novo entalhe.  
Accolhe os versos meus, os meus louvores,  
Que o péjo suffocou; mas cede o péjo  
A' voz da Gratidão, que em mim resôa.

Que

( 51 )

Que inaudito prazer me surge n'alma...  
 Elmano, Elmane meu, do Mundo gloria,  
 Quando penso que os sons adormecidos  
 Da Lyra ( que em temor céde á vontade )  
 Vão dos Astros romper luzente Espaço,  
 Indo aos Numes levarão, que he dos Numes:  
 Esta empreza, que os Ceos no seio acolhem,  
 De que hes justo crédor, que humilde off'reço,  
 Hade a Jove aprazer, durar em Jove.  
 Se ao jugo dos Mortaes, se ao Fado, á Morte  
 Inda liga tua alma a terrea massa,  
 Se em tormentos, se em ais, se em dor, se em pranto  
 A substancia languece, que te anima,  
 E de humano a pensão ( dever custoso )  
 No contínuo pular do sangue ardente (1)  
 Encaras com temor; temor não tenhas:  
 A morte para o Sabio he gosto, he vida.  
 Assim o grão Camões, de Lysia esmalte,  
 E das grandes Nações portento, espanto,  
 Na desgraça morreo, viveo na morte;  
 E o Nume atroador de Pólo a Pólo,  
 Por cem aureos canaes fendendo os ares,  
 Inda o nome do Heróe espalha ufano,  
 Inda alentos lhe dá, vida mais nobre.  
 Quebradas as prizões ao ser terreno,  
 Que te véda subir de Vate a Nume,  
 Hade os tubos encher com sôpro estranho,  
 E teus versos mandar ao Ceo da Gloria.  
 Não julgues, que se, Heróe, zombas da morte,  
 Encarando teu mal desdenho o pranto

D ii Ha-

(1) Alludo ao aneurisma, huma das principaes moléstias, que o atormentão.

Hade Lysia chorar, darão os Lusos  
 Do pranto, que a razão sanar não sabe,  
 Grossas agoas ao Têjo caudaloso,  
 Que dos limites seus fugindo irado,  
 Vá ao Ganges levar, levar ao Nilo  
 A noticia cruel, que humanos punge:  
 E Josino ( que a vida assás molesta  
 Nos hombros lhe suppeza alonga os dias  
 Que, d'Elmano vivendo assim distante,  
 Hãodé o manto roubar á noite escura: )  
 A tristeza dará da morte o premio.  
 Revive, Elmano, pois no Ethereo Reino;  
 Que eu, em quanto tiver vitaes alentos,  
 Heide em ti prantear d'Amigo a falta,  
 E de Vate, e de Heróe ceder ao pasmo.

*José Joaquim Gerardo de Sampaio.*

*Ao Senhor Manoel Maria de Barbosa du Bocage,*  
achando-se o A. molesto.

## E P I S T O L A.

O Sabio não vai todo á sepultura,  
Na memoria dos homens brilha, e dura.

*Rim. du Bocag. T. 2.*

**H**Um triste, hum infeliz, da Sorte avêssa  
Tragando o fel dos ais, o fel da vida,  
Saída hum triste, que abraçar não póde,  
Penhóra em letras, mensageiras d'alma,  
Os effluvios da candida amizade,  
Os saudosos gemidos, que te envia,  
Elmano, que em soluços se evaporas,  
Que atropellado pela dor intensa,  
Sóltas dos lumés teus acerbo pranto,  
Que em vão te banha as faces enlutadas,  
Que tenta em vão desenrugar teus Fados.  
Mas ah! cobra valor; constancia, Amigo:  
Esforçada razão represe as mágoas,  
Que a horrenda fantasia, nebulosa  
Avulta em quadros, em que tudo he negro.  
Se ella dá brilho, se a existencia affaga,  
Debuchando na idéa deleitosa  
Glorias, prazeres, júbilos, encantos;  
Tambem nos males nos accurva a mente  
Com duplicados, horridos pavores.  
Balzar o sentimento ao corpo afflicto  
Não quero, Elmano; que tambem sou homem.

Se Zêno, se Platão sorrindo em ancias,  
 Não mostrarão na face a côr do medo,  
 Que erão diremos corações de bronze?  
 Sentirão, que a desgraça a todos punge;  
 Porém soffrêrão com tenaz constancia,  
 Engolfados na sã Filosofia.

Se qual vivêrão, tal morrerão lédos;  
 Porque não seguiremos os seus passos?  
 Forão d'outra materia, que não somos?  
 Forão d'outro talento, que não tenhas?

Quem da convulsa natureza, oppressa  
 Falsêa em parte os horridos embates,  
 He sobranceiro á morte em gloria firme;  
 Se tu com ella nos degrãos luzentes,  
 Librado sobre os extasis divinos,  
 Nectar libaste na Apollinea Mêza;  
 Porque tremes das soffregas voragens,  
 Em que se abysma a Natureza toda?

Que saudades do Mundo te acompanhão?  
 Por quantos males se não comprão ditas,  
 Que bem qual o relampago se esváem:

Que te valeo na Patria modulando,  
 Da bocca deslizar thesoiros d'alma;  
 Ora cantando de Marilia a face,  
 Aonde se remôça a florea Gnido;

Ora abrazado em ralador ciúme,  
 Praguejando o rival de teus amores;  
 Detestando a cruel, a fementida;  
 Ora carpindo a (1) flor cortada em breve,  
 Que acordava o botão medrando em risor;

En-

---

(1) Alludo ao Idyllio da Saudade Materna, feito pelo Senhor Bocage.



*Ao Senhor Manoel Maria de Barbosa du Bocage*

*Tu ne cede malis ; sed contra audentior ito ,  
Quam tua te Fortuna sinet . . . . .*

*Æneid. 6. vers. 95.*

**H**E nos revêzes que apparece o Sabio ,  
Que d'hum peito atravéz , que a Dor crucia ,  
Reluz hum coração , virtudes todo :  
Nunca d'Athénas o lustroso esmalte ,  
O Mestre da Moral , o Deos dos Sabios ,  
D'alma heroica mostrou mais nobres rasgos ,  
Que ao entrar na prizão com rosto alegre ,  
E ao beber a cicuta airoso , e forte .  
De Roma nos Annaes , que o Mundo assombrão ,  
Não teve cabimento Heróe mais claro ,  
Que hum Séneca , fiel ás leis sagradas  
Da Virtude , e Dever , aos pés calcando  
Cruas perseguições , desterro iniquo ,  
Sobranceiro ao rigor dos Ceos , da Terra .

Nem sómente entre as horridas refregas  
Do procelloso mar , ou nos combates  
D'alma forte resumbra ardor valente :  
Da virtude he. tambem theatro o leito ;  
Neste mais de huma vez provou-se o Sabio :  
Encara com desdem o Sabio a morte ,  
Certo que a preço tal se merca a vida .

Temos mui nobre , e remoutada essencia ,  
Viemos povoar Terraqueo Globo  
De mui alto lugar ; e a prova , Elmano ,  
Em nós mesmos se dá , julgando escassa  
Humilde habitação , d'arte os portentos ,



De Architectura, e luxu assombros claros,  
Que hum leve sópro esbrôa, esmaga, e prostra;  
Não temendo largar tão baixa esfera.

He das dores cruéis o termo a morte;  
Entre desgraças mil sempre vagando,  
De molestias sem fim alvos constantes;  
Bem como acontecer deve aos que aberrão  
Do seu clima natal, e estranho habitão.  
Só depois de existir puras substancias,  
Despidas do grosseiro, e terreo manto,  
Gostaremos prazer sadio, estreme.  
Filosofia, és tu, quem dás ao Homem  
Do sepulcro despir-lhe o medo, o tédio;  
Por ti ( qual déstro nauta exp'rimtado,  
Que rasgado o velame, os mastros rotos,  
Co'as ruinas da não prosegue a rota ),  
Não succumbe o Mortal da morte á face,  
Não lhe desbóta do semblante as côres,  
Da constancia o vigor não lhe entorpece  
Buido ferro, que centelhas vibra;  
Da vida o termo com sorriso encara,  
Como se alheio fosse, e não seu termo.

Genios transcendentaes, que o mundo honrarão,  
Não temêrão largar barrenta capa,  
Que mesquinha entorpece os vôos d'alma:  
Do divino Platão, o Sol da Grecia,  
Ouve attento o clamor, no peito o encerra:  
„ O espirito do Sabio anhéla a morte,  
„ Nella medita, e a quer: sempre que tende  
„ Fóra de si; taes são seus appetites. „ (1)

Quan-

(1) *Sapientes animum totum in mortem prominere, hoc velle, hoc meditari, hoc semper cupidine ferri in exteriora tendentem.*

Quanto ao summo chegou do fim jaz perto  
 Fructo, que sazouou co'a Primavera,  
 Do Outono na estação não orna as mezas:  
 Quanto mais clara resplandece a chamma,  
 Tanto mais prompta affraca, e se amortece:  
 Taes os Engenhos; quanto mais sublimes,  
 Tanto mais breves são; que he perto o Occaso,  
 D'onde falta o lugar ao crescimento.

E pois, Elmano, te guindas-te ao cume  
 Do Horizonte, onde és Sol de Lysia aos Vates,  
 Cajas centelhas dão calor aos Genios,  
 Dão brio, dão vigor para ir á gloria,  
 Postergando montões de vís insectos  
 De ephemerico ser, d'aspecto ingrato;  
 Não deves estranhar, que Atropos dura  
 Se antecipe a cortar-te o fio á vida;  
 Ella, que sem respeito ao Mõço, ao Velho,  
 Se apraz de encher de lucto, e pranto o Mundo.

Ah! Se a vozes de dor se move a Parca,  
 Se do Destino as leis transtornos soffrem,  
 Verás, Elmano, decorrer teus dias  
 Apar dos de Nestor, Tu, que o semelhas  
 No mel, que vertem teus divinos labios.  
 Lysia, desfeita em ais, banhada em pranto,  
 Ante as aras de hum Deos mil preces sólta  
 Pela conservação do seu esmalte,  
 Do seu Genio melhor, da Gloria sua,  
 E aos de Lysia Filinto une os seus votos.

Fr. Francisco Freire.

Ao Senhor Manoel Maria de Barbosa du Bocage,

EPISTOLA.

**R**Uindo lá do Bárathro medonho  
 Lúgubre som, motivador do pranto,  
 Que as faces mólha da enlutada Lysia,  
 De ti, ó Vate, reclamava o feudo;  
 Já lá do Abysmo horrendo as furias torpes,  
 Por ordem de Plutão na terra surgem;  
 Da vil materia, do que he pó, que he nada,  
 Opaco manto de endeosados genios,  
 Rabidas rompem o ordenado todo.  
 „ Murchas esp'ranças mais a mais fraquejem,  
 „ Sentimento mortal, tristeza baça  
 „ Nos Lusos corações a dor espalhe;  
 „ Apenas cinza, o que já foi Elmano.  
 Esta do Averno a voz, a lei da Morte,  
 Que ás funeraes Irmans o Monstro intima:  
 Do Sena pelas margens saborosas,  
 Pelas praias do Ganges, do Aureo Téjo,  
 Assustadas de horror as Ninfas clamão;  
 A lei maldizem, que lhes rouba a gloria,  
 Carpindo o mimo, que as honrava tanto.  
 Os alumnos de Apollo ao nume envião  
 Entre cortados ais, sentidas vozes,  
 Votos provindos do profundo d'alma,  
 Quaes os da Gratidão, e os da Verdade:  
 Co'as mentes cheias de saudade infinda,  
 Teu nome, ó caro Elmano, a Jove lembrão;  
 No fogo ardente de sonóros Hymnos,

Es-

Escudados da candida amizade,  
 Da justiça, e dever, da gloria Tuã,  
 Hum Nume Creador, que unio os Entes,  
 Hum Deos, hum justo Deos piedoso dobrão.  
 Eis de repente na brilhante Esfera  
 Risonho assoma o dia, a noite fôge;  
 Raia alegre o prazer, somem-se as trévas;  
 Abrem-se as portas do sulfureo Averno,  
 E á feia escuridão as Furias tornão.  
 Esforça-se a razão, estudo, e arte  
 Das garras a salvar a prêza excelsa:  
 Angelico tropel ao leito adeja,  
 Da Sacra Região baixando os vôos  
 Do Vate aos Iares, a melhora guia.  
 No Olympo os Numes a harmonia prézão,  
 Affeitos a escutar da terra os Vates.  
 Oh como de prazer exulta o peito!  
 Elmano, Elmano vive, oh Ceos, oh dita!  
 Por elle a gloria, e honra em Lysia abundão;  
 Cisne do Téjo, que traspassa a méta,  
 Lícita a raros de adejar cançados.  
 Fadem teus dias fortuneos lances.  
 Praza aos Ceos compassivos, que inda eu possa  
 Ver-te immune do mal, que te consterna;  
 Porque possas tambem dar vida á Fama  
 De deslizado Heróe, que a cobardia  
 Pendura nos postaes do Esquecimento;  
 E as azas desprender em canto altivo,  
 ( Dos Voltaires, Camões, dos Tassos digno )  
 Em lustres de Varão, que immortalizes.  
 Virente louro não me cinge a frente;  
 Tolhem meus gressos as varedas invias  
 Ao bipartido Cume, ao sacro asilo  
 Dos almos Genios, onde entrar não posso:

A ser-me dado, intrepido verias  
 Em duravel engaste, em Padrão d'oiro  
 Ir assomar teu nome além dos Evos;  
 A ardentes Vates, que o Porvir esconde,  
 Engenhos como Tu, mover-lhes pasmo;  
 Mostrar-te como exemplo ás Plagas Lusas,  
 Disparando o trovão, vibrando os raios,  
 Imagens vivas, que dão alma ás pedras;  
 Em quanto as graças em Gertruria bella  
 Co' os doces folgazões amores brincão,  
 Quando surge da Estancia a torva invéja,  
 Ou trilhas sem desdouro o Lacio augusto,  
 Do filho de Sulmona unindo a cínzaga,  
 Fazendo-o reviver com pompa egregia  
 Em vesté alheia; mas tão nobre, e rica,  
 Que equivale ao valor dos proprios trajés,  
 Quizera agora eu ter o dom de Elpino,  
 Invadir com teu nome a Eternidade,  
 Mas ah que delirei! oh mente louca!  
 Não precisas de quem de ti precisa:  
 Rite, rite de mim, ó grande Elmano;  
 Mas dos desejos não, dos são desejos.

De João Galvão Mexia de Sousa Mascarenhas.

Atentamente em que excessivos do se muito o estenderão  
 Alinhando a expiação em que a vé luto

Do Senhor Manoel Maria de Barbosa du Bocage.

E P I S T O L A.

**V** Ate, que adoro, portentoso Elmano,  
 Imagem do Saber, do Pindo gloria,  
 Apollineo Cantor, Cantor divino  
 Dos Jardins, onde impéra a Natureza;  
 Escuta os versos meus, escuta os versos,  
 Que dicta o coração, dicta a amizade.

Depois, com que pezar o pronuncio!  
 Que entrei na estancia triste, onde succumbe,  
 Aos impulsos da Dor, Razão, Constancia, (1)  
 Diluvio amargo de saudoso pranto,  
 Me innunda as faces, me consterna o rosto.

Já mais hum só instante, ó caro Elmano,  
 Se minóra a tristeza, que me opprime;  
 Meu activo pezar, minha amargura,  
 Bem não podem narrar toscas palavras;  
 Excede a dor humano sóffrimento,  
 Saudades que a minha alma afflicta sente,  
 Podem-se imaginar; mas não dizer-se.

Ah quando penso em ti, eu me arretrato!  
 Futuras producções imaginando,  
 Não cesso de chorar a falta, a perda,  
 Que as Bellas Letras, Seculos vindouros  
 Choraráo, como eu, se a morte horrivel  
 Inda em flor decepar teus caros dias.

Des-

---

(1) Alludindo á exespeção em que o vi lutando,  
 na occasião em que excessivas dores muito o atenuavão.

Deste asilo da lúgubre Tristeza,  
 Onde os dias, ás noites semelhantes,  
 Eu passo envolto em luto, envolto em pranto, (1)  
 Te envio tristes ais, ternas lembranças,  
 Que meu peito fiel a ti consagra;  
 Escuta-as, se he possível, ( pois o triste,  
 Com as queixas do triste se consola, )  
 No meigo coração grato as acolhe;  
 E conhecendo a dor, que assim me fere,  
 Podêra as mágoas, que sopporta, e sente  
 Falso, que sem ti vive morrendo.

Sugeito ao mando teu por lei, por gosto,  
 Te envio ( como amargo talvez util )  
 O Folheto de meus insulsos versos:

Quem quer escravo ser de teus preceitos,  
 Sem já mais hesitar, deve cumprillos:  
 Embora o Zoilo vil louco me chamê,  
 E pura sugeição julgue vaidade. (2)

Adeos, meu caro Elmano, adeos, amigo;  
 Os teus ais, aos meus ais unidos sejam;  
 Unidos vão soar na azul Esfera,  
 Augurando amizade além da morte.

(1) A grave molestia do Amigo, e o proximo falecimento de minha Mãe, me inspirou os tres versos acima, em tudo conformes aos meus sentimentos.

(2) Já mais me atrevera a enviar o Folheto dos meus inspidos versos a tão abalizado Mestre, se a sua determinação me não obrigasse a tanto: as desculpas que exijo, e as causas que allego no Prologo do dito Folheto, não bastão a evitar a critica, que na verdade merece a publicidade de semelhantes Poesias; ás quaes ao presente não dou valor algum.

S O N E T O .

**N**esta horrivel morada da saudade,  
 Onde choro, e lamento o teu Destino,  
 Dirijo preces mil ao Ser Divino,  
 Que dicta o coração, dicta a amizade,

Fiel inclinação, pura verdade  
 Repete ardentes votos de contino:  
 Tranquillo supportára o mal ferino,  
 Se podésse escusar-te a Enfermidade.

Quanto fôra feliz, meu caro Elmano,  
 Se a vida, que te offerto, vida escura,  
 Em teu lugar soffrêra o cruel dano;

Então com gosto olhára a sepultura;  
 E resgatando o Heróe, alegre, e ufano,  
 Meus dias entregára á Morte dura. (1)

*Por Felisberto Ignacio Januario Cordeiro.*

(1) Se os versos dos dous tercetos parecerem affectados, e excessivos; para se pensar de modo contrario, baste a lembrança, de que o homem verdadeiramente Filosofo, que tem huma existencia triste, e pouco interessante, não terá nunca dúvida (sendo possivel) em sacrificar a sua vida á duração da dos homens sabios, uteis, e necessarios á Republica das Letras, e á Sociedade Civil.